

Mesa: **FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL:
A NECESSIDADE DA TENSÃO PERMANENTE NO ÂMBITO DO LAZER**

Giovani De Lorenzi Pires (LaboMidia/UFSC)

1. Ao agradecer o convite dos organizadores deste V CSBCE, em nome dos amigos Daniel e Santiago, gostaria de me referir inicialmente ao tema desta mesa, que segue a mesma linha do tema geral do evento, ou seja: fala sobre a tensão necessária entre formação e atuação profissional, neste caso, pensado para e a partir do lazer¹.
2. Penso que é uma responsabilidade muito grande para mim dissertar sobre algo com o que tenho uma aproximação nada mais do que casual. Não atuo na formação inicial e continuada em lazer; menos ainda como profissional do lazer. Tenho tido a oportunidade de dialogar com a comunidade do lazer, pela generosidade de alguns convites, sempre a partir do campo profissional e acadêmico da Educação Física, e procurando sempre fazer um recorte que o associe (o lazer) à mídia e tecnologias digitais (TICs), no qual me sinto mais confortável.
3. Este foi o caso, por exemplo, de duas intervenções que tive a oportunidade realizar, no ENAREL de Natal, em 2001, e no de Santa Cruz do Sul, em 2002. Em ambas, por diferentes caminhos, sugeri que era possível pensar o lazer como **experiência formativa do humano**, conceito buscado em Valter Benjamin e na tradição frankfurtiana, para com isso, na sequência, questionar as possibilidades reais da sua realização (a experiência) na ambiência das tecnologias de informação e comunicação e da mídia de massa.
4. No primeiro evento referido, apresentei como tese que experiência formativa lúdica, quando mediada pela tecnologia, empobrecia-se, tornando-se mera vivência instrumental ou entretenimento. No segundo evento, dei continuidade ao tema, sugerindo que, diante do inquestionável processo de colonização do tempo livre pela Indústria Cultural, restava-nos investir nos estudos sobre a vida cotidiana, com base em Henry Lefebvre e José Machado Pais², como possibilidade de resistência à industrialização do lazer e portanto à perda da possibilidade da experiência formativa lúdica.
5. A partir das duas apresentações, “cometi” um artigo que foi publicado na *Corpoconsciência* (2003)³, por insistência do meu amigo professor Ricardo Uvinha, então editor da revista da FEFISA. O texto “não deu caldo”, não teve repercussão e eu entendi que havia mirado errado no alvo.

¹ Quando fui organizar minha fala para esta mesa, por insegurança, resolvi escrever este texto; depois de pronto, por insegurança também, resolvi que iria lê-lo. Sei que ler um texto numa mesa numa manhã de sábado de congresso é uma temeridade. Mas se alguns dormirem, prometo não aumentar o tom de voz, para não acordar ninguém!

² Ver em: PIRES, Giovani De Lorenzi. Aspectos Socioculturais do lazer. In: BURGOS, M.; PINTO, L. (orgs.). **Lazer e estilo de vida**. Sta. Cruz do Sul, EDUNISC, 2002.

³ PIRES, Giovani De Lorenzi. A mediação tecnológica do esporte como substituição da experiência formativa. **Corpoconsciência**, n. 9, p.23-39, 2002.

6. Para a minha surpresa e alegria, em 2007, o professor Nelson Marcellino resolveu produzir um livro cujos capítulos revisitassem e atualizassem os conteúdos culturais do lazer, identificados por Jofre Dumazedier na década de 70, e me convidou para discutir os chamados **interesses intelectuais do lazer** na presença das TICs. Escrevi o texto com a professora Scheila Antunes, então minha orientanda de mestrado, e foi publicado como capítulo no livro *Lazer e Cultura*⁴.

7. Na sequência, em 2008, no IX Seminário Lazer em Debate realizado na USP-Leste, fui convidado a discutir o tema do **desenvolvimento pessoal e social pelo lazer**, que associei à questão da experiência, numa cultura permeada pela mídia e pelas novas tecnologias de comunicação.

8. Faço este preâmbulo para dizer que, por uma questão de segurança e juízo, vou fugir um pouco do tema proposto para a mesa, optando por discutir **formação humana, lazer e TICs**, a partir da discussão sobre o conceito benjaminiano de **experiência**. Por isso, o título que dei a essa apresentação: **POSSÍVEIS LIMITES À EXPERIÊNCIA FORMATIVA LÚDICA NO ÂMBITO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**.

9. Para concluir essa introdução, uma questão ainda. Dizem que com a idade, tendemos a ficar mais prudentes e cuidadosos, com menos certezas e mais questionamentos. Concordo como isso porque, em 2001, minha tese no ENAREL de Natal terminava com um ponto final; isto é, ela **anunciava** a transformação da experiência formativa lúdica em mera vivência instrumental em virtude da mídia e das TICs. Hoje, prudentemente, pretendo trocar o **ponto final** por um **ponto de interrogação**, tirando o caráter afirmativo de então.

10. Para darmos início à reflexão proposta, penso que é desejável que alguns conceitos com os quais vamos dialogar aqui sejam apresentados e, se não definidos, ao menos que consigamos ter um mínimo de entendimento comum a seu respeito. Eles referem-se sobretudo aos conceitos de **experiência e vivência** como integrantes da formação cultural na tradição do idealismo alemão, ou da *Bildung*.

11. De forma bastante sintética, podemos dizer que a *Bildung* estava estreitamente associada ao esclarecimento (*Aufklärung*) e ao projeto de Modernidade, anunciados pelo Iluminismo. A *Bildung* dizia respeito tanto à *Kultur* (relativo ao conhecimento e às produções do espírito) quanto à *Zivilization* (diz respeito a hábitos e valores desejáveis na vida social). O projeto da *Bildung* concentrava, portanto, tanto a formação cultural do sujeito moderno quanto a formação cultural da sociedade moderna (ELIAS)⁵. Essa formação destacava, sobretudo, a “necessária tensão permanente” provocada pelo duplo caráter da cultura: ao mesmo tempo, ela pressupõe liberdade, autonomia para pensar e produzir cultura (as chamadas produções do espírito), mas também exige adaptação ao mundo objetivo, para reconhecer e consumir a cultura produzida. Nas palavras de Bruno Pucci (1998),

⁴ PIRES, Giovanni De Lorenzi; ANTUNES, Scheila. Revisitando os interesses intelectuais do lazer mediante as inovações tecnológicas de informação/comunicação. In: MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e cultura**. Campinas: Linea, 2007.

⁵ Cf. ELIAS, Norbert. **O processo civilizador** – n. I: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

a formação cultural autêntica pressupõe “ser autônomo, sem deixar de se submeter; submeter-se sem perder a autonomia”⁶.

12. A hipertrofia de qualquer um destes pólos danifica e inviabiliza a formação cultural representada pela *Bildung*. Absolutizar o pólo da liberdade gera *outsiders*, desajustados sociais, pessoas até mesmo brilhantes, mas que não conseguem viver/conviver/produzir na sociedade. Por outro lado, hipertrofiar nosso pólo adaptativo, torna-nos pessoas passivas, ingênuas, meramente reprodutoras e consumidoras de cultura, incapazes de criar e de resistir.

13. Em ambos os casos, temos a presença da semicultura ou semiformação cultural (*Halbbildung*), tema maravilhosamente tratado por Theodor Adorno em Teoria da Semicultura – produzido em 1959 e traduzido para o português somente em 1996⁷. Obviamente, sob a vigência do Capitalismo, da Cultura de/para as Massas, enfim, da Indústria Cultural, em que as produções culturais perderam seu valor de uso e adquiriram valor de troca tornando-se mercadorias, a semicultura tem muito mais a ver com a adaptação do que com a rebeldia.

14. A *Bildung*, por sua duplicidade antes referida (liberdade/adaptação), necessita ser realizada também a partir de dois processos formativos, igualmente necessários e igualmente em permanente tensão. Trata-se dos processos de *Erfahrung* e *Erlebnis*, traduzidos respectivamente como **Experiência** e **Vivência**, que em português muitas vezes são utilizados como sinônimos. Na tradição da teoria crítica, esses são conceitos importantes, que foram basilares nas reflexões de Valter Benjamin, em sua crítica à modernização da vida.

15. Não há, de parte de Benjamin, conceituações descritivas a respeito do que são experiência e vivência, mas referências a algumas características que lhes seriam fundantes. Vamos a algumas delas.

16. A primeira tem a ver com a **etimologia das palavras**, em alemão, com o auxílio de Newton Ramos-de-Oliveira (1998)⁸. Ambas mantêm relação com a idéia de viver, mas o prefixo (**er**) dá a elas conotações diferentes. *Erlebnis* (Vivência) tem a ver com presenciar, assistir, enquanto *Erfahrung* (Experiência) implica em chegar a, em saber pela vida. Nas palavras do autor: “Vivência versus Experiência: a vida como objeto ou a vida como sujeito; a vida como reflexo ou a vida como reflexão”.

17. Outras características da diferenciação entre ambas estão na questão **do tempo e no tipo de memória que produzem**. A experiência produz um conhecimento que se prolonga, que se acumula e se desdobra, como se fosse uma viagem ou fragmentos de um filme; vivência tem a ver com a assimilação racional de informações, por meio de processos cognitivos, arquivada como instantâneos

⁶ PUCCI, Bruno. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. In: ZUIN, Antonio Alvaro S.; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (orgs.). **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. São Carlos: EdUFSCAR, Petrópolis: Vozes, 1998.

⁷ ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. **Educação & Sociedade**, n. 56:388-411, dezembro/1996.

⁸ RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. Reflexões sobre a educação danificada. In: ZUIN, Antonio Alvaro S.; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (orgs.). **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. São Carlos: EdUFSCAR, Petrópolis: Vozes, 1998.

ou fotografias. Portanto, a experiência nos vem pela memória involuntária, mnemônica, por associação, pela rememoração; enquanto a vivência pode ser buscada voluntariamente, integralmente, completa, mais ou menos precisa, como um arquivo que acessamos e fazemos o devido *download* em nossos computadores.

18. Talvez o melhor exemplo seja mesmo o da viagem de turismo: a vivência é representada pelas informações prestadas ao microfone pelo guia de turismo, dentro do ônibus, sob o conforto do ar condicionado, a respeito do castelo observado através da grande janela envidraçada; a experiência aconteceria no interior do castelo, quando tomamos contato com o cheiro de mofo, a umidade do ar e do frio das paredes, a maciez dos tapetes ou a irregularidade do piso de pedras em que caminhamos por dentro dele. Num momento futuro, **fruto da vivência**, seria fácil lembrar voluntariamente de informações como: quando foi construído o castelo, quantos quartos tem, quem morou nele; já a **experiência** seria o rememorar involuntariamente dele quando em contato com situações que a tragam novamente ao nosso plano consciente, como a mesma umidade, o mesmo cheiro de mofo...

19. Para ficar no campo esportivo, vivência seria assistir a um jogo de futebol na TV; experiência, seria ir ao estádio. Que precisou ir a ao banheiro de um estádio de futebol teve uma experiência intensa e inesquecível...

20. Para constar, repito: para a *Bildung*, vivências e experiências são fundamentais para a sua realização na modernidade; todavia, o empobrecimento de uma delas representa a *Halbbildung*, a semiformação.

21. Gostaria agora de trazer outra reflexão sobre a experiência. Trata-se do texto *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*, do filósofo espanhol e professor da Universidade de Barcelona, Jorge Larrosa Bondía⁹.

22. Para ele, **experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa ou o que acontece**. Larrosa explora essa dualidade semântica, embora sem citar nominalmente a categoria vivência. Para o autor, para que possamos ter uma experiência é preciso nos deixar expor a ela, com vulnerabilidade e risco. Por isso, a experiência só acontece quando ela nos toca, nos acontece. Em suas palavras, “é incapaz de experiência aquele a quem nada acontece, nada o toca, nada o afeta, nada o ameaça”.

23. Larrosa cita Heidegger (2002, p.25):

Fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em fazer uma experiência isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer; fazer significa aqui sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso.

⁹ LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan.-abr./2002

24. Na cultura contemporânea, cada vez mais objetiva e objetivada, orientada a fins, cujas ações humanas estão exclusivamente voltadas para se alcançar metas, conquistar resultados, penso que **o tipo de conhecimento desejável e a forma de sua apropriação estão muito mais relacionados à vivência do que à experiência**. Num cenário social dominado pelo pragmatismo, pela busca pelo poder, que garante também o sucesso material, as vivências são obviamente mais valorizadas; elas (as vivências) tem valor agregado porque podem ser instrumentalizados e transformados em saberes com valor de troca. Numa sociedade em que o mundo da vida ou mundo vivido (*o Lebenswelt* da Fenomenologia) foi colonizado pelo sistema, e este está relacionado ao poder e à economia, como afirma Jurgen Habermas¹⁰, a experiência pode soar como algo anacrônico, extemporâneo, desnecessário, enfim, um luxo a que poucos teriam o direito de se deixar tocar, se deixar passar, de se deixar alcançar. Mesmo porque, o conhecimento decorrente da experiência não é um conhecimento que possa ser objetivado, transformado em valor, em moeda de troca, em capacidade ou competência a ser mobilizada mecanicamente em busca de fins imediatos.

25. É interessante observar como alguns estudiosos da contemporaneidade, muitos deles identificados com os estudos culturais e mesmo pós-modernos ou pós-estruturalistas, tem se utilizado de metáforas para explicar a sociedade contemporânea, acrescentando uma qualidade à essa sociedade ou adjetivando-a. Penso que vale a pena revisar algumas dessas expressões, para buscarmos compreender a dificuldade de falarmos em experiência na contemporaneidade.

26. Adam Schaff, um marxista, na década de 80, nos falava das conseqüências sociais da segunda revolução industrial, marcada pelas tecnologias, que ele denominou **Sociedade Informática**¹¹. Num tom bastante otimista, quase utópico, Schaff acredita que a nova forma de organização do mundo do trabalho, decorrente da presença crescente das tecnologias no campo da produção, ao contrário do que possa pensar, terá mais conseqüências sociais boas do que ruins. Para ele, a revolução técnico-científica determinada pela micro-eletrônica, pela informatização plena, pela automação industrial, mudará as bases da relação do homem com o trabalho e este deixará de ser tão penoso, não condenará mais o homem a ganhar o pão com o suor do seu rosto, como preconizou a pena bíblica. Isso posto, não haveria mais a oposição entre trabalho e lazer, e sim o retorno do homem à sua condição lúdica: *o homo ludens*.

27. O risco apontado por Schaff é que, mediante a redução das exigências do trabalho, o homem da pós-segunda revolução industrial não saiba o que fazer com o tempo livre em sua vida, podendo recair na prática de violências, especialmente por parte dos jovens, como forma de experimentar emoções mais intensas, ou o seu contrário, no tédio, no desamino total, cuja saída parece indicar o caminho de novas religiosidades, mais adequadas aos novos tempos, não mais presas à ética protestante .

¹⁰ Cf.: FREITAG, Barbara. Sistema e “mundo vivido” em Habermas. **Revista do GEEMPA**, v.1, p. 61-71, jul.,1993.

¹¹ SCHAFF, Adam. **Sociedade Informática**, 3 ed. São Paulo: Ed. UNESP; Brasiliense, 1992.

28. Outra metáfora para caracterizar a contemporaneidade é a que a identifica como **sociedade hiper-excitada**. Tese cara aos pós-estruturalistas em geral, a nossa super ou a hiperexcitação decorre da enorme quantidade de estímulos a que somos expostos simultaneamente no cotidiano, especialmente decorrentes da digitalização, da informática, enfim das novas tecnologias de informação que nos chegam, seria melhor dizer, nos invadem pela internet, pelo celular, pelo computador...: tudo acontece, ao mesmo tempo, agora!

29. Essa super excitação implica ultrapassamos o estágio da atenção concentrada, do processamento de informação por pacotes, em fila, por hierarquia de importância (a leitura de um livro, na sequência proposta pelos capítulos, sem interrupções, por exemplo) para desenvolvermos uma nova condição de aprendizagem, de atenção múltipla, fragmentada, exigindo-nos a condição de realizarmos múltiplas tarefas simultaneamente. Nesta perspectiva, o menor sinal de calma, de isolamento, de silêncio interior, é rapidamente descartado como indicativo de tédio, de rotina, de depressão, de vida sem emoções, como afirma o professor e jornalista Juremir Machado da Silva¹².

30. Interessante observar que esse mesmo tema, a partir de outro pano de fundo, é desenvolvido pelo filósofo alemão Christoph Turcke¹³, próximo da tradição da teoria crítica, especialmente através da psicanálise e, portanto, longe do que costumamos chamar pós-modernidade. Turcke nos aponta que o traço característico da atualidade é a sensação, constituindo o que chama de uma **Sociedade Excitada**. Fazendo um jogo de duplo sentido com a palavra sensação, ele mostra que além de significar a condição psico-fisiológica da percepção, portanto pessoal e individual, sensação é hoje a base da vida social mediada pelo aparato midiático que, através da excessiva circulação de estímulos que excitam e movem os interesses individuais e coletivos, sensacionaliza as instâncias da vida, isto é provoca-nos essa abundância de sensações.

31. Na contemporaneidade mediatizada, a sensação transformou-se em choques imagéticos, coloridos, atraentes, acelerados, distribuídos pela mídia, que contaminam e tornam dependente o sistema perceptivo do homem. Como no vício, essas sensações sensacionais tornam-se logo insuficientes, aquém do que precisamos para saciar nossa “fissura”. Turcke nos alerta que o antídoto dessa droga diária chega muitas vezes pela adesão incondicional a fundamentalismos, sobretudo os religiosos. Ou por drogas, lícitas ou não.

32. Henri-Pierre Jeudy, sociólogo francês pouco conhecido por aqui, tem um livro traduzido para o português, cujo título-metáfora é, de longe, o que mais aprecio. Em **A Sociedade Transbordante**¹⁴, Jeudy nos fala que, para além de objetos, pessoas ou fatos, a nossa sociedade transborda de sentidos; e que estes sentidos em excesso, transbordantes, são produzidos e veiculados pelos discursos e imagens que circulam no espaço midiático, a partir do advento da informática.

¹² SILVA, Juremir Machado. **Sociedade hiperexcitada**. Jornal Correio do Povo, p. 4, 21/set/2010.

¹³ TURCKE, Cristoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2010.

¹⁴ JEUDY, Henri-Pierre. **A sociedade transbordante**. Lisboa: Ed. Século XXI, 1995.

33. Portanto, Jeudy associa paradoxalmente o transbordamento de sentidos da sociedade contemporânea ao espaço virtual, espaço esse que aparentemente seria inesgotável, portanto jamais transbordante. Mas ao referir-se à idéia de transbordamento de sentidos, ele os coloca numa nova condição, cuja característica principal é que a sua ancoragem (dos sentidos) em fatos reais, concretos, deixou de existir. Os sentidos produzidos e veiculados pela mídia independem da realidade, estão inclusive para além do espetáculo ou da espetacularização da vida, outra metáfora da sociedade tão bem expressa por Guy Debord em **Sociedade do Espetáculo**¹⁵.

34. Para o Debord, o espetáculo transformou-se na forma de relação social entre pessoas, intermediada por imagens. Se o espetáculo era percebido, nos anos 60, como a nova forma de organização e vivência da realidade e, portanto, espaço também para a disputa de sentidos, de resistência, de contra-hegemonia, via contra-cultura, como pregada pela Internacional Situacionista, na **sociedade transbordante**, os sentidos ultrapassam a realidade representada pelo espetáculo, constituindo-se na forma como cada um de nós representa a sua realidade. Na sociedade transbordante, os sentidos não são mais espaço de disputa, de hegemonia, porque todos estão presentes, ao mesmo tempo, em circulação no espaço midiático. Façam sentido ou não!

35. Como se pode perceber, é a onipresença da mídia e das novas tecnologias digitais popularizadas na sociedade contemporânea, que contribui para tornar ainda mais escassas as oportunidades para a experiência formativa. A sociedade contemporânea pode ser identificada, como vimos, pela aceleração e superficialidade dos contatos humanos, pelo apressamento das informações disponibilizadas pelas TICs, pelo ritmo mecanizado da existência e por tudo que podemos chamar de uma cultura tecnificada pela lógica instrumental do capital. Então, como podemos “nos deixar tocar” por fatos, se o prolongamento da nossa exposição a eles, condição para a realização da experiência, implica em perda ou oposição a outras informações/sensações que são sucessiva e freneticamente repassadas pela mídia?

36. (Neste exato momento, é possível que algumas pessoas presentes aqui, nos ouvindo, estejam conectadas na internet, acessando emails, atualizando o Orkut ou seu twitter, recebendo mensagens pelo MSN ou pelo celular. Assim é nas aulas, no cinema, no shopping, etc. Ora, nestas condições, as possibilidades para a existência de experiências formativas autênticas parecem estar cada vez mais impossíveis **de nos acontecer, de nos alcançar**).

37. Isso nos leva a questionar se ainda há espaços e, se há, quais são os espaços ainda possíveis na nossa cultura nos quais **nós podemos nos deixar tocar pela experiência formativa?**

38. Penso que podemos afirmar que talvez um dos poucos espaços que nos restam para realizar a experiência é o **espaço do lúdico**, daquilo que, com Huizinga¹⁶, podemos chamar de uma suspensão temporária e voluntária da realidade.

¹⁵ DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

¹⁶ HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**, 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993

39. Não falo aqui do lazer empírica e conceitualmente construído como oposição ao trabalho, pela sociologia do trabalho. Não falo aqui do lazer como a busca pela emoção para ocupação do tempo livre. Este, há muito tempo foi cooptado pela Indústria Cultural. Coerentemente com as metáforas da sociedade contemporânea que vimos, não gozar ou não fruir o lazer resulta em tédio, ansiedade, depressão, complexo de culpa. Sua gratuidade transformou-se em obrigatoriedade. Não ir à praia ou a um parque no sábado à tarde, ou não viajar no feriado, significa perde-lo como possibilidade de lazer.

40. Na verdade, o consumo do tempo livre em que se transformou o lazer já nem é mais tempo disponível, como afirma Marcellino. **O consumo do tempo livre ou disponível virou tempo para o consumo dos sentidos e sensações ofertadas** pela Indústria Cultural, a partir do qual o capital cumpre seu papel de acumulação. No dizer de Adorno¹⁷, a roda gira sem sair do lugar.

41. Quando falamos na experiência lúdica, podemos entendê-la sob **duas perspectivas**. Uma, de natureza **mais filosófica e idealista**, considera o lúdico como parte da essência do humano, exterior à vida real, como uma evasão do real. Neste sentido, o lúdico está ligado a aspectos positivos, a sensações agradáveis, ao prazer, alegria. Segundo Santin, o lúdico tem a ver com fantasia, imaginação, criatividade¹⁸.

42. Sem desconsiderar totalmente essa perspectiva idealista e até certo ponto utópica, Umberto Eco¹⁹ chama a atenção para a necessidade de percebermos a manifestação do lúdico também a partir do seu contexto histórico-social, marcado, por exemplo, numa sociedade de classes, pelas diferenças decorrentes destas classes. Neste sentido, o lúdico agrega uma **dimensão sociocultural**, envolvendo a valorização da estética, dos princípios morais, perpassando todos os momentos da vida, o que faz desaparecer a oposição ao trabalho, tão cara à compreensão do lazer na sociedade industrial. Nesta perspectiva, a experiência lúdica agrega também um caráter de ousadia, de subversão, de resistência e transgressão. Exemplo disso são as brincadeiras feitas por crianças trabalhadoras nos canaviais do Nordeste, descritas na tese do prof. Mauricio Roberto da Silva²⁰.

43. José Alfredo Debortoli, citado por Cristiane Gomes²¹, considera ainda o lúdico como expressão humana, ou como uma forma de linguagem. Nesta condição, o lúdico comporta a possibilidade da narrativa como manifestação da experiência, muito próximo, aliás, do que preconizava Benjamin, num texto sobre a experiência, cujo título é justamente O Narrador²².

¹⁷ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

¹⁸ SANTIN, Silvino. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre: EST/ESEF, 1994.

¹⁹ ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**, 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

²⁰ SILVA, Mauricio Roberto. **O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar: onde está o lazer/lúdico? O gato comeu???** Tese (Doutorado em Educação). Campinas: UNICAMP, 2000.

²¹ GOMES, Christiane. Lúdico. In: GOMES, Christiane (org.). **Dicionário crítico de lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

²² BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Obras Escolhidas: Magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

44. Assim, penso que a **experiência formativa lúdica** pode ser encontrada preferencialmente no aparente ócio ou na exposição demorada, íntima, corporalmente vivida com os pequenos nadas da vida cotidiana, no dizer de Lefebvre. Por suposto, aquilo que contraria a hiperexcitação. O que nos toca realmente são situações as vezes inusitadas, inesperadas, mas intensas, envolventes. O que nos alcança como experiência formativa é aquilo que cumulativamente, progressivamente, nos torna diferentes, nem melhor nem pior, mas sobretudo diferentes...

45. Neste sentido, gostaria agora de refazer a reflexão básica inicial para passarmos ao debate: **Quais são os limites para a realização da experiência lúdica como possibilidade de formação humana na ambiência das tecnologias de informação?**

46. Se concordamos que uma das poucas oportunidades ainda existentes para a experiência formativa na sociedade atual é no campo da ludicidade; e que esta foi substituída pelo lazer colonizado pela Indústria Cultural, manifesta pelos artefatos das TICs; então precisamos nos perguntar se ainda é possível, se ainda faz algum sentido falarmos de formação humana autêntica hoje em dia!

47. Coloco aqui aquele ponto de interrogação a que me referi no início. Prudentemente!

48. Gostaria de agradecer, por fim, aos colegas do LaboMidia, que já foram interlocutores sobre este tema em várias oportunidades. E de modo especial ao Digão Ferrari, que ouviu e discutiu comigo o protótipo deste texto, em viagem recente entre Criciúma e Floripa.